



REVISTA AMBIENTE CONTÁBIL

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ISSN 2176-9036

Vol. 13, n. 2, Jul./Dez, 2021

Sítios: <http://www.periodicos.ufrn.br/ambiente>

<http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/Ambiente>

Artigo recebido em: 28.04.2020. Revisado por pares em: 17.09.2020. Reformulado em: 16.10.2020. Avaliado pelo sistema double blind review.

DOI: 10.21680/2176-9036.2021v13n2ID20575

Sentimentos de culpa vivenciados na pós-graduação

Guilt feelings experienced in postgraduate

Sentimientos de culpa experimentados en la posgraduación

Autores

Ricardo Biernaski Kachenski

Mestre em Contabilidade pela Universidade Federal do Paraná – UFPR Campus III – Setor de Ciências Sociais Aplicadas. Endereço: Av. Prefeito Lothário Meissner, 632 – Jardim Botânico, CEP: 80210-070 – Curitiba – PR – Brasil. Identificadores (iD):

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9577-2836>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6447940315076941>

E-mail: ricardobiernaski@yahoo.com

Rayane Camila da Silva Sousa

Doutoranda em Contabilidade pela Universidade Federal do Paraná – UFPR Campus III – Setor de Ciências Sociais Aplicadas. Endereço: Av. Prefeito Lothário Meissner, 632 – Jardim Botânico, CEP: 80210-070 – Curitiba – PR – Brasil. Identificadores (iD):

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7181-1607>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8604968465465986>

E-mail: rayanecamila.pi@gmail.com

Pavel Elias Zepeda Toro

Doutorando em Contabilidade pela Universidade Federal do Paraná – UFPR Campus III – Setor de Ciências Sociais Aplicadas. Endereço: Av. Prefeito Lothário Meissner, 632 – Jardim Botânico, CEP: 80210-070 – Curitiba – PR – Brasil. Identificadores (iD): ORCID:

<https://orcid.org/0000-0002-1505-2183>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7369698961886208>

E-mail: levap15@gmail.com

Flaviano Costa

Doutor em Controladoria e Contabilidade pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da Universidade Federal do Paraná – UFPR Campus III – Setor de Ciências Sociais Aplicadas. Endereço: Av. Prefeito Lothário Meissner, 632 – Jardim Botânico, CEP: 80210-070 – Curitiba – PR – Brasil. Telefone (41) 3360-4404. Identificadores (iD):

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4694-618X>

Ricardo Biernaski Kachenski, Rayane Camila da Silva Sousa, Pavel Elias Zepeda Toro, Flaviano Costa e Romualdo Douglas Colauto

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6018273048039566>

E-mail: flaviano@ufpr.br

Romualdo Douglas Colauto

Pós-Doutor em Contabilidade pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da Universidade Federal do Paraná – UFPR Campus III – Setor de Ciências Sociais Aplicadas. Endereço: Av. Prefeito Lothário Meissner, 632 – Jardim Botânico, CEP: 80210-070 – Curitiba – PR – Brasil. Telefone: (41) 3360-4193. Identificadores (iD): ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3589-9389>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4411504880578074>

E-mail: rdcolauto.ufpr@gmail.com

Resumo

Objetivo: A pesquisa consiste em verificar o nível de concordância dos estudantes quanto aos sentimentos de culpa vivenciados na pós-graduação *stricto sensu*.

Metodologia: O estudo é de caráter descritivo com abordagem quantitativa. A coleta dos dados foi realizada por meio de *survey* e o instrumento de coleta de dados foi a Escala Multidimensional da Culpabilidade de Aquino e Medeiros (2009). Para análise dos dados utiliza-se Análise Fatorial Exploratória e o teste *Kruskal-Wallis* (KW) para verificar as diferenças entre os grupos.

Resultados: Os resultados evidenciaram que há diferenças de distribuição do sentimento Culpa Temporal, Culpa Subjetiva e Culpa Objetiva. A maioria dos respondentes concordou totalmente com os sentimentos de culpa descritos no Fator Culpa Temporal. A pós-graduação *stricto sensu* tem uma alta demanda de estudos, pesquisas e atividades extras que ocupam boa parte do tempo dos estudantes, assim o aspecto temporal acaba sendo uma de suas principais preocupações, desencadeando o sentimento de culpa.

Contribuições do Estudo: O estudo ajuda a compreender se os estudantes se sentem culpados por diversas situações corriqueiras na vida das pessoas e, futuramente, pode-se analisar se o nível de sentimento de culpa interfere no desempenho acadêmico; se desenvolve atitudes tóxicas no relacionamento interpessoal entre outros fatores comportamentais.

Palavras-chave: Sentimento de Culpa. Escala Multidimensional de Culpabilidade (EMC). *Stricto Sensu*.

Abstract

Purpose: The research is to verify the degree of agreement of the students regarding the feelings of guilt experienced in the *stricto sensu* postgraduate.

Methodology: A descriptive study was carried out using a quantitative approach. The data was collected by means of both survey and the Aquino –Medeiros Multidimensional Culpability Scale (2009). The processing of the data was performed using Exploratory Factor Analysis along with *Kruskal-Wallis* (KW) test in order to verify the differences between the groups.

Ricardo Biernaski Kachenski, Rayane Camila da Silva Sousa, Pavel Elias Zepeda Toro, Flaviano Costa e Romualdo Douglas Colauto

Results: The results showed that exist differences in the distribution of Temporal Guilt, Subjective Guilt and Objective Guilt feelings. Most of interviewed students fully agreed with the feelings of guilt described in the Temporal Guilt Factor. *Stricto sensu* postgraduate students have a high demand for studies, research and extra activities that take up most of their time, so the temporal aspect ends up being one of their main concerns, triggering a sense of guilt.

Contributions of the Study: This work helps to understand if students feel guilty about various everyday situations they have to face. In the future, it is possible to analyze whether the level of guilt interferes with academic performance, developing toxic attitudes in interpersonal relationships, among other behavioral factors.

Keywords: Feeling of Guilt. Multidimensional Guilt Scale (EMC). *Stricto Sensu*.

Resumen

Objetivo: La investigación consiste en verificar el nivel de acuerdo de los estudiantes con respecto a los sentimientos de culpa experimentados en el programa de posgrado *stricto sensu*.

Metodología: El estudio es de carácter descriptivo con enfoque cuantitativo. La recopilación de datos se realizó mediante una encuesta y el instrumento de recopilación de datos fue la Escala Multidimensional de Culpabilidad de Aquino y Medeiros (2009). Para el análisis de los datos, se utilizó el análisis factorial exploratorio y la prueba de *Kruskal-Wallis* (KW) para verificar las diferencias entre los grupos.

Resultados: Los resultados mostraron que existen diferencias en la distribución del sentimiento de culpa temporal, culpa subjetiva y culpa objetiva. La mayoría de los encuestados estuvo totalmente de acuerdo con los sentimientos de culpa descritos en el Factor de culpa temporal. El programa de postgrado *stricto-sensu* tiene una gran demanda de estudios, investigación y actividades adicionales que ocupan una gran parte del tiempo de los estudiantes, por lo que el aspecto temporal termina siendo una de sus principales preocupaciones, lo que desencadena el sentimiento de culpa.

Contribuciones del Estudio: El estudio ayuda a comprender si los estudiantes se sienten culpables por diversas situaciones comunes en la vida de las personas y, en el futuro, se puede analizar si el nivel de culpa interfiere con el rendimiento académico; si actitudes tóxicas se desarrollan en las relaciones interpersonales entre otros factores de comportamiento.

Palabras clave: Sentimiento de culpa. Escala Multidimensional de Culpabilidad (EMC). *Stricto Sensu*.

1 Introdução

A culpa é uma aceitação da responsabilidade de alguém em relação a si mesmo, por ter feito algo errado ou por ter parado de fazer algo que se esperava que fosse feito ou realizado, despertando sentimentos de desqualificação pessoal (Tellenbach, 1976; Castilla Del Pino, 1991; Tangney, 1993; Grinberg, 1994; Vázquez & Sanz, 1995; Elvin-Nowak, 1999). A questão da culpa foi abordada em tempos remotos, principalmente na abordagem moral, ética e religiosa. Os sentimentos de culpa desencadeiam problemas de saúde do indivíduo e, no contexto do

inconsciente imaginário, afeta a sociedade em que o sujeito está inserido, independentemente de questões éticas, morais e religiosas. (Zandomenghi, 2003).

Muitas são as razões motivadoras para o sentimento de culpa que se tornou preocupação da sociedade moderna (Brito, 2013). De uma forma geral, o desenvolvimento da consciência culpada está presente na vida do indivíduo desde a infância, quando no processo de educação os pais usam esse sentimento para corrigir, reprovar ou repreender seus filhos, especialmente aqueles que buscam a educação centrada na moral e como base para o sucesso na vida (Tournier, 1985).

Freud (1974) advoga que o sentimento de culpa surge do medo de uma autoridade, quando o indivíduo renuncia prazeres instintivos para não perder uma relação existente entre ele e a autoridade. Também ocorre em função do aspecto moral da personalidade do indivíduo, uma vez que os prazeres instintivos não conseguem passar despercebidos. Assim, a renúncia por determinado fato não é o suficiente, pois a vontade do indivíduo continua existindo, ocasionando o sentimento de culpa.

De acordo com Lewis (1971) o sentimento de culpa é o julgamento negativo sobre conseguir viver de acordo com padrões. Esses padrões podem ser impostos pela sociedade de maneira objetiva, ou pelo próprio sujeito. Na visão religiosa, o sentimento de culpa se dá quando se viola uma norma moral. Vale destacar que o sentimento de culpa não é uma doença, mas esse sentimento em excesso desmotiva a pessoa a ser melhor. Parece que o sentimento de culpa é um conceito necessário para o crescimento, uma vez que faz o indivíduo reconhecer as diferenças entre seus valores e suas atitudes.

Guilhardi (2002) explica que a culpa envolve atores sociais como o governo, o sistema judiciário, os professores, os pais etc., que categorizam determinados comportamentos como ilegais ou inadequados de acordo com as leis ou regras dos grupos sociais. Explica o hábito verbal da comunidade, impregnado de dualismo, desvia o enfoque do comportamento e induzir uma pessoa a se sentir culpada. Cita como exemplos de dualismo verbal comportamentos funcionalmente aversivos para que o indivíduo passe a se responsabilizar pelo que fez: estou triste com o que você fez; sua atitude me aborrece; não esperava isso de você.

Na área de Ciências Contábeis, há esforços por parte de pesquisadores em compreender os elementos comportamentais no ambiente acadêmico, especialmente da pós-graduação (Kochanska, Gross, Lin & Nichols, 2002; Lim, Tam & Lee, 2013; Brito, 2013; Lopes, Meurer & Voese, 2018; Costa & Nebel, 2018; Estácio, Andrade, Kern & Cunha, 2019; Lopes, Meurer & Colauto, 2020). Esses autores, intrinsecamente, defendem a necessidade de comprometimento das instituições no desenvolvimento profissional dos discentes, visto que o processo de formação universitária enseja a exposição, a vulnerabilidade e a pressão pelo cumprimento de metas, entre outras condições entendidas como estressantes e que impõem ao indivíduo necessidades de desenvolvimento de estratégias para adaptar-se a essa realidade (Lopes et al., 2020). Esse cenário fomenta o desenvolvimento de investigações que ampliem a análise de ações para o aperfeiçoamento do ambiente educacional e das relações entre educadores, discentes e equipes disciplinares da pós-graduação, uma vez que o sentimento de culpa pode acarretar o estresse e impactar negativamente no desempenho acadêmico.

Diante desse contexto, o presente estudo busca evidências para responder à seguinte questão de pesquisa: **Qual o nível de concordância dos estudantes quanto aos sentimentos de culpa vivenciados na pós-graduação *stricto sensu*?** Consequente, o objetivo da pesquisa consiste em verificar o nível de concordância dos estudantes quanto aos sentimentos de culpa vivenciados na pós-graduação *stricto sensu*. Especificamente, busca-se explorar o sentimento de culpa por aspectos sociodemográficos, grandes áreas do conhecimento e por fases de estudo.

O estudo é importante porque ajuda a compreender se os estudantes sentem-se culpados por diversas situações corriqueiras na carreira acadêmica e, futuramente, pode-se analisar se o nível de sentimento de culpa infere no desempenho acadêmico; se desenvolve atitudes tóxicas no relacionamento interpessoal; se provocaria atitudes procrastinadoras no desenvolvimento das tarefas acadêmicas entre diversos outros fatores comportamentais.

Semelhante aos estudos de Lopes et al. (2018) e Lopes et al. (2020), sobre efeito das crenças de autoeficácia no comportamento cidadão e contraproducente dos acadêmicos de contabilidade e sobre as estratégias de *coping* adotadas por discentes de contabilidade, o mapeamento de sentimentos de culpa dos estudantes pode servir como informações estratégicas para as instituições de ensino que buscam adotar mecanismos para minimizar situações indutoras de estresse e emoções que permeiam os diferentes ambientes de convívio social, visto que o comportamento assumido por discentes no ambiente acadêmico é um conseqüente do estado emocional (Lopes et al., 2018). A temática deslocada para o ambiente de pós-graduação e educação contábil mostra-se importante à medida que mapeia quais são os sentimentos de culpa percebidos por discentes de pós-graduação de instituições de ensino brasileira durante as fases de estudo. A intenção é contribuir para entender fatores que diminuem o bem-estar no ambiente acadêmico.

2 Revisão da Literatura

2.1 Aspectos conceituais da culpabilidade

O sentimento de culpa está presente em quase todas as áreas da sociedade (Brito, 2013). Inicialmente o sentimento de culpa foi discutido pelas religiões judaico-cristã (Aquino & Medeiros, 2009) pois o conceito de culpa estava mais relacionado à noção de pecado (Pereira & Aquino, 2016). A lógica era que as práticas de desvios de normas de condutas estabelecidas pelas religiões poderiam causar um desconforto psicológico no sujeito que a praticou. O fato é que a culpa é um sentimento que faz parte da vida do ser humano.

A prática dos desvios das normas de conduta estabelecidas pelas religiões pode causar um mal-estar psicológico no sujeito que a praticou, esse mal-estar refere-se ao sentimento de culpa (Pereira & Aquino, 2016). Nessa perspectiva, a culpa era discutida e associada em duas dimensões: o remorso e o arrependimento (Aquino & Medeiros, 2009). Para Brito (2013) não é possível esquecer a função da religião nas intervenções no processo do sentimento de culpa. Assim, em um ambiente religioso a culpa seria fruto de uma transgressão de uma lei divina (Aquino et al, 2010).

Tilghman-Osborne, Cole e Felton (2010) numa revisão de 23 definições sobre culpa, descobriram que as definições sobre culpa eram bastante variadas e não tendiam conceitualmente para um construto subjacente comum, em média as definições compartilhavam somente 60,7% dos mesmos códigos. Contudo, a maior parte das teorias e medidas consideravam a culpa como sendo uma resposta de uma transgressão moral real ou imaginária. A transgressão moral pode ser compreendida como a violação do sujeito sobre o senso de certo e errado (Tilghman-Osborne et al., 2010).

Wright (1971, p.103) define culpa como “uma condição emocional desagradável diretamente seguida à transgressão, que persiste até que algum tipo de equilíbrio seja restaurado por reparação ou confissão e perdão e que independe de que os outros saibam da transgressão”. Harder e Greenwald (1999) conceituam a culpa como uma conduta ou conjunto de condutas específicas que envolvem um senso de transgressão moral. Observa-se que em ambas as

definições tanto de Wright (1971) como a de Harder e Greenwald (1999), a culpa é considerada como sendo uma reação de uma transgressão moral.

Tilghman-Osborne et al. (2010) também conceituam a culpa como uma resposta a uma transgressão moral, entretanto em sua definição apresentam que a culpa pode levar a situações negativas. Os autores conceituam a culpa como um construto que tem elementos afetivos e cognitivos abrangendo as transgressões morais nas quais as pessoas entendem que sua ação (ou inação) colabora para consequências negativas, e é um conjunto de pensamentos e sentimentos que acontecem em resposta a uma situação específica. Assim, compreende que uma transgressão moral pode levar a consequências mal adaptativas. Outros autores como Alexander, Brewin, Vearnals, Wolff e Leff (1999), e Jones, Schratte e Kugler (2000) também afirmam que a culpa pode ser mal adaptativa. Entende-se, dessa forma que o sentimento de culpa pode iniciar processos que tenham efeitos nocivos à saúde (Tilghman-Osborne et al., 2010). Nesse sentido, Brito (2013) aponta que o sentimento de culpa em muitas situações pode despertar em psicopatologias.

No entanto, outra escola de pensamento defende que a culpa pode ser adaptativa. Ferguson, Stegge e Damhuis (1991); Williams e Bybee (1994); e Kochanska et al. (2002) corroboram para esse entendimento. Para Williams e Bybee (1994) a culpa pode incidir em uma consciência saudável e pode ajudar como coerção contra erros realizados. Kochanska et al. (2002, p. 464) afirmam que “a experiência de culpa e a excitação aversiva associada servem a uma função adaptativa em relação à conduta moral”. Para Ferguson et al. (1991) a culpa, em um nível adaptativo, proporciona a persuasão e intimida condutas agressivas. Assim, a culpa tem uma função adaptativa na construção social, uma vez que ajuda a precaver comportamentos que transgridam as normas (Kochanska et al., 2002). Nesse entendimento, o sentimento de culpa pode levar a consequências adaptativas motivando os sujeitos a redimir as transgressões passadas e prevenir as futuras transgressões (Tilghman-Osborne et al., 2010).

Para Aquino e Medeiros (2009) mesmo que a culpa seja um construto subjetivo, ela pode ser estudada tendo em vista sua definição operacional. Os autores sugerem uma definição de culpa baseada em três traços latentes de culpa: culpa subjetiva, culpa objetiva e culpa temporal, baseada na literatura e estudos empíricos. Collins (2004) ao identificar os tipos de culpa agrega-os em duas categorias: culpa objetiva e culpa subjetiva, enquanto Tournier (1985) revela que a administração do tempo pode causar diversas culpas.

A dimensão de culpa objetiva pode ser compreendida pela agregação das culpas legal, teológica, pessoal e social. Collins (2004) explica que a culpa objetiva acontece quando uma lei é violada e o sujeito é culpado, independente se sinta culpado ou não. Assim, um sujeito pode violar uma lei da sociedade (culpa leal), descumprir às leis de Deus (culpa teológica), violar seus próprios padrões pessoais (culpa pessoal) ou quebrar uma regra socialmente aceita no seu grupo social (culpa social) e mesmo assim não sentir culpa alguma, mesmo que a maioria dos sujeitos se sentem mal quando violam uma lei. (Collins, 2004).

Enquanto dimensão de culpa subjetiva pode ser entendida pela agregação dos sentimentos de culpa apropriados e impróprios. Collins (2004) esclarece que a culpa subjetiva está associada aos sentimentos de remorso e autocondenação que ocorrem em respostas das nossas atitudes. Isso acontece quando é realizada ou pensada alguma coisa que transgrida o que se acredita ser o certo, ou quando não se realiza o que deveria ser feito (Collins, 2004). Os sentimentos de culpa apropriados ocorrem quando se viola uma lei, ensinamentos bíblicos ou nossa consciência e sente-se remorso proporcional à intensidade da ação, enquanto os sentimentos de culpa impróprios não são proporcionais a intensidade da ação (Collins, 2004). Collins (2004) aponta que geralmente os sentimentos de culpa impróprios acontecem

interiormente no indivíduo, mas as vezes os comentários e julgamentos de terceiros nos fazem sentir culpados. Dessa forma, a dimensão de culpa subjetiva refere-se a aspectos da subjetividade, enquanto a dimensão de culpa objetiva a realizações concretas do sujeito (Aquino & Medeiros, 2009).

Por fim, a dimensão temporal está relacionada com a gestão de tempo. Para Tournier (1985) a administração do tempo pode gerar várias culpas. O sentimento de culpa está associado à perda de tempo, seja ela pelo que se deixou de realizar ou pelo que foi realizado. Dessa forma, as pessoas se sentem culpadas por gastar tempo à toa, como também por não saber descansar ou repousar. Tournier (1985) afirma também que o indivíduo sempre vai se sentir culpado por se deixar ser conduzido pelas imposições do mundo. Nesse sentido, essa dimensão está relacionada, por exemplo, ao cumprimento de tarefas, à organização do tempo para executar algo ou estar com entes queridos (Pereira & Aquino, 2016).

Medeiros (2010) e Pereira e Aquino (2016) utilizaram em suas pesquisas a definição de culpa baseada nos três traços latentes de culpa: culpa subjetiva, culpa objetiva e culpa temporal. Medeiros (2010) investigou a relação entre a religiosidade, os sentimentos de culpa e a percepção de qualidade de vida no contexto de pessoas que vivenciam o dilema da soropositividade ao HIV/AIDS. Os resultados da pesquisa demonstraram a evidência da presença de sentimentos de culpa associados com a progressão clínica da doença e com os domínios de qualidade de vida. Foi identificada que a avaliação física insatisfatória esteve associada com a vivência de sentimentos de culpa relacionados à organização de tempo.

Pereira e Aquino (2016) estudaram as relações entre as três dimensões de culpa com atitudes religiosas e com o sentido de vida. Os autores constataram que o sentimento religioso e a busca de sentido de vida se associaram diretamente com as três dimensões de culpa: objetiva, subjetiva e temporal. Enquanto a corporeidade religiosa se correlacionou positivamente com as dimensões de culpa subjetiva e objetiva e o comportamento religioso somente se correlacionou com a dimensão de culpa subjetiva. Pereira e Aquino (2016) concluem em sua pesquisa que pessoas mais religiosas são mais sujeitas à culpabilidade.

2.2 Sentimentos de culpa vivenciados na pós-graduação

A pós-graduação no Brasil nos últimos anos, têm-se desenvolvido em todas as áreas de conhecimento (Santos, Perrone & Dias, 2015). Contudo, o desenvolvimento da pós-graduação no país tem sido balanceado por uma alta pressão com objetivo de melhor qualificar os programas (Faro, 2013). Estudantes de pós-graduação percebem o ambiente como intenso e desafiador, pois além da elaboração da dissertação ou tese, recebem o desafio de participarem de eventos nacionais e internacionais, publicar artigos em periódicos qualificados, somados as limitações financeiras, a relação com a família, pessoal, emocional e profissional, entre outros (Costa & Nebel, 2018). Além disso, a pós-graduação é caracterizada pelo cumprimento de metas (Souza, Trigueiro, Almeida & Oliveira, 2010; Costa & Nebel, 2018; Estácio et al. 2019), que determina uma rotina de cobrança, exigência, obrigação, tensão para os alunos e professores (Souza et al., 2010).

Nesse sentido, o ingresso na pós-graduação requer uma adaptação por parte do indivíduo (Souza et al., 2010; Ferreira et al., 2016), pois deste é requerido desenvolver atividades de alto desempenho (Souza et al., 2010), além de rotinas de estudos que impactam em mudança, temor, angústia, desenvolvimento e crescimento por parte do sujeito (Ferreira et al., 2016). Santos et al. (2015) expõem que a adaptação dos pós-graduandos depende, sobretudo, da qualidade relação com o orientador, da ambientação as normas e demandas dos programas, como também

da segurança financeira. Para Costa e Nebel (2018), é preciso ter disciplina, além de rotina diária de atividades e, especialmente, ter controle emocional para conseguir atender tais demandas.

Há diversos relatos que durante o período da pós-graduação, os estudantes são propensos a desenvolverem níveis elevados de ansiedade, depressão, distúrbios de sono (Costa & Nebel, 2018). O estudo de Souza et al. (2010) identificou que estudantes de pós-graduação engajados apresentam esgotamento físico e emocional. Faro (2013) identificou que os principais estressores que acometem a pós-graduação são: pressão interna pelo bom desempenho; a interferência na vida pessoal; medo de não atingir o desempenho esperado pela banca; finanças pessoais; falta de tempo para os estudos e pressão por publicação. Na mesma linha, Ferreira et al. (2016) identificaram que a sobrecarga de trabalho acadêmico; a observância dos prazos; as cobranças de publicações, apresentações de trabalhos, dissertação, tese e a auto cobrança, são situações geradoras de estresse para os pós-graduandos.

A pesquisa de Cauduro, Prado e Jesus (2019) identificou que as principais situações angustiantes na pós-graduandos são: gestão do tempo; dificuldade na escrita científica; dificuldade para conciliar família, trabalho e pós-graduação; escolhas profissionais; desrespeito a valores e prioridades de vida; mudança de pensamento; saúde de familiares; e problemas domésticos.

Em conformidade com os achados de Cauduro et al. (2019), o estudo de Meurer, Souza e Costa (2019) constatou que a vida dos pós-graduandos em contabilidade foi alterada substancialmente após ingressarem no mestrado e doutorado. O resultado da pesquisa revelou que a maioria dos entrevistados apontaram que o tempo dedicado a família, lazer, atividades esportivas, aperfeiçoamento profissional, encontro com colegas, leituras e ao sono apresentaram modificações, sendo na sua maioria uma diminuição de tempo dedicado a essas categorias.

Costa e Nebel (2018) estudaram a saúde dos estudantes de pós-graduação de todo o Brasil. Averiguaram que 74% dos participantes da pesquisa declararam ter ansiedade, 31% insônia, e 25% depressão. Ademais, as respostas dos participantes demonstram que existe uma cobrança alta quanto à publicação de artigos em periódicos científicos, como também da participação em eventos e atividades realizadas pelo programa. O estudo também constatou que 39 % dos pós-graduandos declaram que frequentemente têm sentimento de culpa ao ir dormir. Esse sentimento pode ser causado pelo fato do senso de incompletude das atividades diárias.

Sabe-se que o sentimento de culpa sempre esteve presente na história e interessa aos pesquisadores comportamentais porque está associado às relações interpessoais dos indivíduos, assim como aos sentimentos de inferioridade, remorso, vergonha, timidez, desprezo social (Tournier, 1985). A consciência de culpa do indivíduo inicia na infância, quando no processo de educação os pais utilizam esse sentimento para corrigir, reprovar ou repreender atitudes dos filhos, principalmente quando buscam uma educação pautada na formação moral como base para êxito de suas vidas. Assim, na infância o sentimento de culpa surge no momento em que os pais questionam as atitudes de seus filhos ao atuarem de forma equivocada (Tournier, 1985).

Para Williams (1998), a culpa é uma emoção inerentemente punitiva que implica voltar-se para dentro e contra si mesmo. A culpa pode fazer com que as pessoas que cometem infrações experimentem um desconforto considerável; essa emoção pode então operar como uma sanção autoadministrada. Castilla Del Pino (1991) e Vázquez e Sanz (1995) concordam que a culpa é a aceitação da responsabilidade para consigo mesmo, por ter feito algo errado ou por ter deixado de fazer algo que se esperava que fosse feito, provocando sentimentos de desqualificação pessoal. A culpa pode atuar como uma punição ou dissuasão autoimposta que serve, com o

tempo, para mitigar ou eliminar comportamentos indesejáveis (Baumeister, Stillwell, & Heatherton, 1994).

Bybee e Williams (1994) examinaram a culpa e sua relação com o desempenho acadêmico e concluíram que os estudantes que pontuam níveis mais altos de culpa têm menos problemas de aprendizagem e melhor desempenho educacional. Estudantes propensos à culpa são mais diligentes em seus hábitos de estudo, exibindo maior atenção, maior motivação para realização e maior realização de tarefas. A culpa também pode desempenhar outros papéis ao impor disciplina e controle na sala de aula. Bybee e Williams (1994) também descobriram que a culpa está associada a uma melhor tolerância à frustração. Indivíduos com maior culpa são mais capazes de controlar seu temperamento, controlar explosões emocionais, projetar um estado de espírito equilibrado e estável, além de se concentrar melhor nas tarefas. Defendem que a capacidade de ser paciente, controlado, focado e direcionado pode melhorar a produtividade escolar e profissional.

Flynn e Schaumberg (2012) postulam que níveis mais elevados de propensão a sentimento de culpa estão associados a níveis mais elevados de comprometimento organizacional. Para explicar esse vínculo, sugerem que uma disposição para a tendência de se sentir culpado motiva os indivíduos a se esforçarem mais em suas tarefas de trabalho, o que, por sua vez, reforça sua afinidade com a organização. Os autores testaram essa premissa por meio de um estudo experimental em duas amostras de trabalhadores adultos. Trabalhadores mais propensos a se sentirem culpados relataram níveis mais elevados de apego organizacional em comparação com indivíduos menos propensos a se sentirem culpados. Além disso, os resultados indicaram que a ligação entre a propensão a culpa e o comprometimento afetivo é impulsionada por um maior esforço de tarefa. Os autores mencionam que os estes resultados podem ser usados para compreensão dos aspectos efetivamente impulsionadores do engajamento nas organizações.

3 Procedimentos Metodológicos

Esse estudo de caráter descritivo explora o sentimento de culpa considerando diversos aspectos sociodemográficos e as fases de estudo em que os estudantes se encontram na pós-graduação. A coleta dos dados foi realizada por meio de uma *survey* realizada entre 05/04/2019 e 25/04/2019 e obteve 341 respostas válidas. Para a divulgação do estudo, foi solicitado aos membros do Laboratório de Educação e Pesquisa Contábil (LEPEC) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que veiculassem o *link* da pesquisa entre seus contatos de *whatsapp* da pós-graduação e grupos do *facebook* de estudantes brasileiros de *stricto sensu*. O instrumento de pesquisa foi acompanhado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; os estudantes não foram coagidos a responder a pesquisa e não foram oferecidas nenhum tipo de recompensa material ou imaterial para o grupo de interesse da pesquisa.

O questionário foi dividido em dois blocos. O Bloco I foi composto por questões sociodemográficas (grande área do curso, região, gênero, nível educacional, fase da pós-graduação, idade e religião). No Bloco II, para mensuração do sentimento de culpa, foi utilizada a Escala Multidimensional de Culpabilidade (*EMC*), desenvolvida e validada por Aquino e Medeiros (2009). Os doze itens que compuseram a *EMC* estão dispostos na Figura 1.

Ricardo Biernaski Kachenski, Rayane Camila da Silva Sousa, Pavel Elias Zepeda Toro, Flaviano Costa e Romualdo Douglas Colauto

Q1	Sinto-me culpado por ter “maus pensamentos”.
Q2	Sinto culpa quando tenho desejos proibidos.
Q3	Sinto-me culpado por ter alguns sentimentos que não gostaria.
Q4	Sinto-me culpado quando tenho inveja.
Q5	Estou arrependido por algo que eu não deveria ter feito.
Q6	Sinto remorso por ter feito algo que não deveria.
Q7	Existe algo que eu fiz a alguém e que, por isso, sinto-me culpado (a).
Q8	Quando não consigo fazer as minhas obrigações a tempo, sinto-me culpado.
Q9	Sinto-me culpado por não ter administrado melhor meu tempo.
Q10	Sinto culpa por não ter força de vontade para realizar meus propósitos.
Q11	Geralmente me sinto culpado por não ter tempo para as pessoas que eu amo.
Q12	Sinto culpa por ter deixado de fazer algo.

Figura 1 Composição da EMC

Fonte: Aquino e Medeiros (2009).

A EMC é constituída por 12 itens que consubstanciam sentimentos de culpa objetiva, subjetiva e temporal. Assim os respondentes deveriam avaliar seu nível de concordância quanto ao sentimento de culpa exposto em cada item utilizando a escala que varia de 1= Discordo Totalmente a 5= Concordo Totalmente. Especificamente, os itens de culpa objetiva descrevem sentimentos relacionados a ações concretas executada pelo sujeito (Aquino & Medeiros, 2009), que acontecem quando o indivíduo viola uma lei e é considerado culpado. Nos itens de culpa subjetiva estão descritos sentimentos referentes a aspectos da subjetividade, como por exemplo pensamentos e ações consideradas erradas (Aquino & Medeiros, 2009), que acontecem quando o sujeito realiza ou pensa alguma coisa que transgrede o que considera ser o certo ou quando não realiza o que deveria ser feito. Por fim, os itens de culpa temporal apresentam sentimentos relacionados à gestão de tempo (Aquino & Medeiros, 2009) que acontecem quando o indivíduo gasta tempo à toa ou por não saber descansar ou repousar.

A escala foi aprovada pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Lauro Wanderley, da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), no estudo de Pereira e Aquino (2016). Além disso, foi solicitado aos autores da EMC permissão para sua utilização, após o assentimento dos autores procedeu-se a aplicação do questionário.

Os dados foram analisados por meio de testes estatísticos realizados no *software* SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 22. Inicialmente foram utilizadas técnicas de estatística descritivas (frequência) para a EMC, a fim de verificar a distribuição das respostas entre as questões da escala. Em seguida, foi realizado o teste de *Kolmogorov-Smirnov*^a para verificar a normalidade das variáveis. Os resultados do teste apresentaram *p-valor* < 0,05 para todas as variáveis, o que indica ao nível de confiança de 95%, que a distribuição não é normal. Para a extração dos fatores que compõem a EMC aplicou-se a técnica de Análise Fatorial Exploratória (AFE). Aliado a isso, a confiabilidade da escala foi examinada por meio do *Alpha de Cronbach*. Em virtude da não normalidade dos dados, utilizou-se o teste não paramétrico *Kruskal-Wallis* (KW) para verificar as diferenças entre os grupos.

Ricardo Biernaski Kachenski, Rayane Camila da Silva Sousa, Pavel Elias Zepeda Toro, Flaviano Costa e Romualdo Douglas Colauto

4 Resultados e Análises

Inicialmente realizou-se a caracterização dos 341 dos respondentes. Para isso foi traçado o perfil dos participantes conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1

Perfil dos Participantes da Pesquisa

Grande área do curso	%	Nível educacional	%
Ciências Sociais Aplicadas	29%	Mestrado Acadêmico	50,7%
Ciências Humanas	22%	Mestrado Profissional	1,2%
Ciências da Saúde	12,6%	Doutorado Acadêmico	45,5%
Ciências Biológicas	10,6%	Doutorado Profissional	0,3%
Linguística, Letras e Artes	7,3%	Pós-Doutorado	2,3%
Ciências Exatas e da Terra	6,7%	Fase da pós-graduação	%
Engenharias	4,4%	Cursando os créditos	39,9%
Outros	7,4%	Fase de qualificação	25,5%
Região da instituição	%	Fase de pós-qualificação	12%
Centro-Oeste	3,2%	Próximo a defesa final	22,6%
Nordeste	8,8%	Idade	%
Norte	2,6%	Entre 20 e 30 anos	60%
Sudeste	27%	Entre 31 e 40 anos	33%
Sul	58,4%	Entre 41 e 50 anos	6%
Gênero	%	Acima de 51 anos	1%
Masculino	29%	Tem religião	%
Feminino	69,5%	Sim	62,5%
Outros	1,5%	Não	37,5%

Fonte: *Dados da Pesquisa.*

Observa-se que a maioria dos respondentes se identificou com o gênero feminino (69,5%); têm entre 20 e 30 anos (60%); praticam uma religião (62,5%); estão matriculados em algum curso de mestrado acadêmico (50,7%); uma parte deles estão cursando os créditos (39,9%) na área de Ciências Sociais Aplicadas (29%). A maior parte dos estudantes estão matriculados em uma instituição localizada na região Sul do país (58,4%). A maior parte dos respondentes estuda em instituição pública (89,1%) e nunca participaram de intercâmbio (90%).

Em seguida, verificou-se a frequência das repostas para cada questão que compõe a EMC. A distribuição de frequência permite observar a quantidade de vezes que cada resposta ocorreu no conjunto de dados, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2*Distribuição das Frequências da EMC*

Questões/Foco		1		2		3		4		5	
		F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Q1	Maus pensamentos	75	22%	62	18,20%	90	26,4	57	16,70%	57	16,70%
Q2	Desejos proibidos	115	33,70%	75	22%	69	20,2	41	12%	41	12%
Q3	Sentimentos que não gostaria	57	16,7%	69	20,20%	80	23,5	65	19,10%	70	20,50%
Q4	Sentimento de inveja	57	16,7%	58	17%	71	20,80%	73	21,40%	82	24%
Q5	Arrependimento de algo	67	19,60%	59	17,30%	86	25,20%	50	14,70%	79	23,20%
Q6	Remorso por algo	65	19,10%	59	17,30%	82	24%	60	17,60%	75	22%
Q7	Algo que aconteceu	121	35,50%	52	15,20%	54	15,80%	54	15,80%	60	17,60%
Q8	Fazer obrigações a tempo	14	4,10%	24	7%	63	18,50%	63	18,50%	177	51,90%
Q9	Administração do tempo	14	4,10%	28	8,20%	60	17,60%	65	19,10%	174	51%
Q10	Força de vontade	51	15%	31	9,10%	68	19,90%	57	16,70%	134	39,30%
Q11	Tempo para as pessoas	50	14,70%	57	16,70%	71	20,80%	67	19,60%	96	28,20%
Q12	Deixar de fazer algo	31	9,10%	35	10,30%	72	21,10%	67	19,60%	136	39,90%

Fonte: Dados da Pesquisa.

Os respondentes utilizaram a EMC para indicar o nível de concordância quanto aos sentimentos de culpa que eles vivenciam ou vivenciaram no *stricto sensu*, em que 1= Discordo Totalmente e 5= Concordo Totalmente. Assim, nota-se que o nível 5 (concordo totalmente) foi assinalado com mais frequência nas assertivas Q4- Sentimento de inveja, Q8- Fazer obrigações a tempo, Q9- Administração do tempo, Q10- Força de vontade, Q11- Tempo para as pessoas, e Q12- Deixar de fazer algo. Isso quer dizer que a maior parte dos respondentes concorda totalmente que vivenciam ou já vivenciaram sentimento de culpa como os expostos nas referidas assertivas durante a pós-graduação *stricto sensu*. Em contrapartida, o nível 1 (discordo totalmente) foi assinalado com mais frequência nas assertivas Q2- Desejos proibidos e Q7- Algo que aconteceu. Esse resultado indica que a maioria dos respondentes discorda totalmente que tenham vivenciado sentimento de culpa em relação a desejos proibidos ou a algo que aconteceu, quando se trata do *stricto sensu*.

A fim de verificar os grupos formados pelas variáveis originais interdependentes da EMC, foi realizada a técnica multivariada de Análise Fatorial Exploratória (AFE). Para que seja verificada a adequação global da extração dos fatores, deve-se analisar a estatística *Kaiser-Meyer-Olkin-KMO* (acima de 0,7) e o teste de *esfericidade de Bartlett* ($p\text{-value} < 0,050$) (Fávero & Belfiore, 2017). Neste estudo, o KMO de 0,87 indica um bom resultado e o teste de *esfericidade de Bartlett* significativo (0,000) confirmou o modelo. Além de verificar tais parâmetros, também é importante examinar a Medida de Adequação da Amostra – MAS, em que os elementos devem apresentar valor superior a 0,7; as comunalidades com valores acima de 0,5 e as cargas fatoriais com valores acima 0,4 (Field, 2009). Para os dados desta pesquisa, todos os elementos da MAS apresentaram valores acima de 0,8, o que representa um resultado admirável; a maioria das comunalidades apresentaram valores superiores a 0,60, demonstrando forte relação com os fatores retidos e as cargas fatoriais foram acima de 0,4. Dessa forma, o modelo apresentado após a realização da AFE explica 69,82 % da variância total e a matriz de

Ricardo Biernaski Kachenski, Rayane Camila da Silva Sousa, Pavel Elias Zepeda Toro, Flaviano Costa e Romualdo Douglas Colauto

correlações teve todos os valores significativos ao nível de confiança de 95 %. Na Tabela 3 apresenta-se a composição dos fatores e a adequação de cada variável a seu respectivo fator.

Tabela 3

Análise Fatorial da Escala Multidimensional de Culpabilidade (EMC)

Matriz de componente rotativa ^a	Fatores		
	Fator 1 Culpa Temporal	Fator 2 Culpa Subjetiva	Fator 3 Culpa Objetiva
Q9 – Administração do tempo	0,88		
Q8 – Fazer obrigações a tempo	0,83		
Q12 – Deixar de fazer algo	0,80		
Q10 – Força de vontade	0,74		
Q11 – Tempo para as pessoas	0,68		
Q2 – Desejos proibidos		0,82	
Q1 – Maus pensamentos		0,80	
Q3 – Sentimentos que não gostaria		0,77	
Q4 – Sentimento de inveja		0,73	
Q5 – Arrependimento de algo			0,84
Q7 – Algo que aconteceu			0,82
Q6 – Remorso por algo			0,81

Fonte: *Dados da Pesquisa.*

Neste estudo, para a determinação dos fatores utilizou-se o método de componentes principais, que busca apenas determinar os componentes lineares que se encontram dentro dos dados e a maneira que cada variável pode contribuir para formação desses componentes. Para fazer a distinção entre os fatores, foi utilizado método de rotação ortogonal Varimax, visto que essa rotação mantém os fatores independentes e busca agregar uma quantidade menor de variáveis em cada fator ocasionando mais grupos de fatores interpretáveis (Field, 2009). Adicionalmente, para utilização dessa técnica multivariada (AFE) é necessário verificar a confiabilidade da escala por meio do coeficiente *Alpha de Cronbach*, conforme demonstrado na Tabela 4.

Tabela 4

Alpha de Cronbach da EMC

Fatores	Alpha de Cronbach	Nº de Itens
Fator 1 - Culpa Temporal	0,88	5
Fator 2 - Culpa Subjetiva	0,84	4
Fator 3 - Culpa Objetiva	0,82	3
Escala Total	0,88	12

Fonte: *Dados da Pesquisa.*

Os resultados do coeficiente de *Alpha de Cronbach* para a *EMC* demonstram a confiabilidade do modelo. Segundo Fávero e Belfiore (2017) valores de *Alpha de Cronbach* iguais ou acima de 0,7 são aceitáveis para instrumentos comportamentais. Assim, como neste

estudo os valores do *Alpha de Cronbach* tanto dos fatores como da escala total foram acima de 0,8, confirma-se a capacidade do instrumento em mensurar o nível de concordância em relação ao sentimento de culpa.

Com a AFE identificou-se a formação de três fatores (dimensões latentes). O primeiro fator agrupou assertivas inerentes a culpa temporal, o segundo fator reuniu assertivas a respeito da culpa subjetiva e o terceiro fator agruparam assertivas relacionadas a culpa objetiva. Os rótulos dos fatores foram denominados com base no estudo de Aquino e Medeiros (2009), que encontraram os mesmos fatores. Assim, os resultados encontrados pela AFE, neste estudo, se assemelham a estrutura fatorial encontrada por Aquino e Medeiros (2009). Dessa forma, pode-se inferir que a EMC se adequa a população investigada neste trabalho.

A partir dos resultados apresentados na Tabela 3, é possível verificar que o **Fator 1- Culpa Temporal** foi constituído por cinco assertivas que apresentam o sentimento de culpa em relação ao tempo: Q8- Fazer obrigações a tempo; Q9- Administração do tempo; Q10- Força de vontade; Q11- Tempo para as pessoas Q12- Deixar de fazer algo. Nesse fator, a maioria dos participantes concorda totalmente que vivenciam ou vivenciaram os sentimentos de culpa descritos nas assertivas, conforme se pode observar na Figura 2.

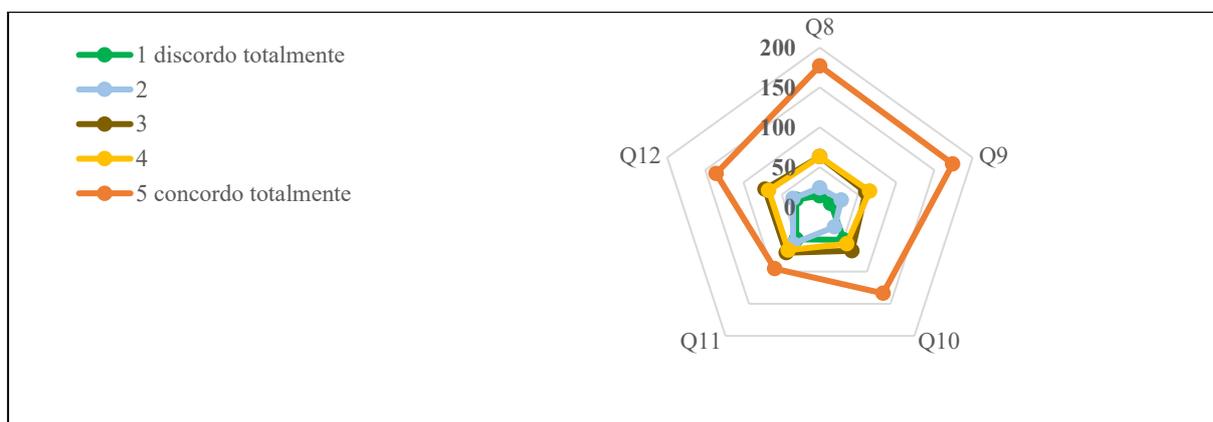


Figura 2 Frequência do Fator 1 - Culpa Temporal

Fonte: Dados da Pesquisa.

Com relação a esse resultado pode-se inferir que a maioria dos respondentes se sentem culpados quando não conseguem fazer as obrigações a tempo, quando não conseguem administrar melhor o tempo, quando não tem força de vontade para realizar propósitos, quando não tem tempo para as pessoas que amam e quando deixam de fazer algo. Da mesma forma, no estudo de Medeiros (2010), a dimensão de Culpa Temporal se destacou, apresentando a maior média entre os sentimentos de culpa percebidos pelos respondentes. Considerando que o ambiente da pós-graduação *stricto sensu* é reconhecido pelo cumprimento de metas e prazos curtos que desencadeiam no aluno uma rotina de cobranças e exigências (Souza et al.,2010), é compreensível que o sentimento de culpa seja mais eminente nesse fator.

O **Fator 2 - Culpa Subjetiva** foi constituído por quatro assertivas que apresentam a culpa em relação à agregação de sentimentos apropriados e inapropriados: Q1- Maus pensamentos; Q2- Desejos proibidos; Q3- Sentimentos que não gostaria; e Q4- Sentimento de inveja. A frequência das assertivas que compõe esse fator é apresentada na Figura 3.

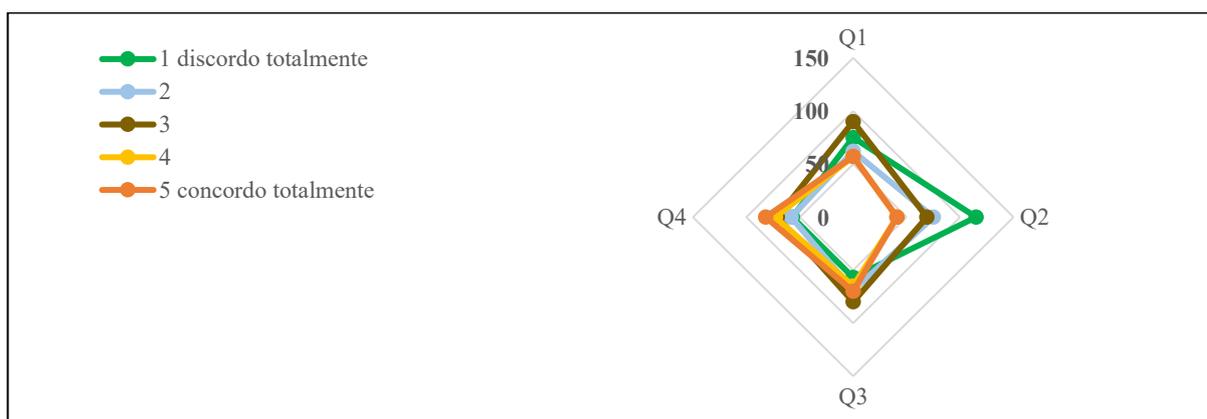


Figura 3 Frequência do Fator 2 - Culpa Subjetiva

Fonte: Dados da Pesquisa.

Conforme observado na Figura 3, destaca-se a assertiva Q2 em que a maioria dos respondentes discorda totalmente que sentem culpa quanto a Desejos proibidos. Nesse sentido, A culpa moral-consciência parece ser uma construção mais generalizada, dado que há uma maior diversidade de personalidade (Abramson, Mosher, Abramson & Wotchowski, 1977).

O **Fator 3 - Culpa Objetiva** é constituída por três assertivas que apresentam o sentimento de culpa quando uma lei é violada e o sujeito é culpado, mesmo que não se sinta: Q5- Arrependimento de algo; Q6- Remorso por algo; Q7- Algo que aconteceu. A frequência das assertivas que compõe esse fator é apresentada na Figura 4.

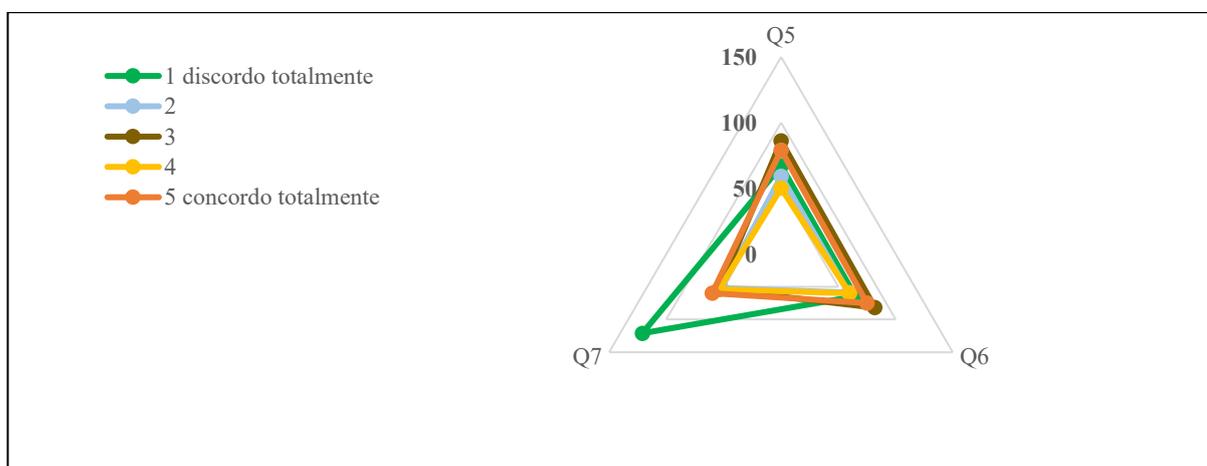


Figura 4 Frequência do Fator 3 - Culpa Objetiva

Fonte: Dados da Pesquisa.

Na Figura 4, ressalta-se a assertiva Q7, em que a maioria dos respondentes discordam totalmente que sentem culpa em relação a algo que aconteceu, ou seja, para a maioria dos respondentes não existe algo que tenham feito e que por isso se sintam culpados.

Os gráficos apresentados demonstram que o sentimento de culpa temporal é mais proeminente entre os respondentes. Esse resultado vai ao encontro dos achados de Medeiros (2010) que também identificou maior sentimento de culpa percebido pelos respondentes na dimensão de Culpa Temporal, seguidos da Culpa Objetiva e Culpa Subjetiva. Ademais, esses resultados podem ser explicados pelo fato da população estudada, especificamente, o ambiente acadêmico apresenta características específicas quando se trata da relação com o tempo.

Ricardo Biernaski Kachenski, Rayane Camila da Silva Sousa, Pavel Elias Zepeda Toro, Flaviano Costa e Romualdo Douglas Colauto

Cauduro, Prado e Jesus (2019) identificam que a gestão de tempo e a dificuldade de conciliar família, são algumas situações angustiantes na pós-graduação. Na mesma direção Meurer, Souza e Costa (2019) constataram que o tempo dedicado a família, lazer, atividades esportivas, aperfeiçoamento profissional, encontro com colegas, leituras e ao sono foram modificadas quando os participantes da pesquisa ingressaram no mestrado, sendo na sua maioria uma diminuição de tempo dedicado a essas categorias.

Faro (2013) identificou que a falta de tempo para os estudos é um dos principais estressores que acometem a pós-graduação. Na mesma linha, Ferreira et al. (2016) identificaram que a sobrecarga de trabalho acadêmico; a observância dos prazos; as cobranças de publicações, geram estresse nos pós-graduandos. Esse sentimento causado pelo fato de incompletude das atividades diárias, pode causar sentimento de culpa. Costa e Nebel (2018) averiguaram que 39% dos pós-graduandos declaram que frequentemente têm sentimento de culpa ao ir dormir. É percebido que a entrada na pós-graduação altera a relação de tempo dos sujeitos, os resultados encontrados nesta pesquisa identificam que a maioria dos participantes vivenciam ou já vivenciaram sentimentos de culpa relacionados à gestão de tempo.

A fim de examinar se os fatores (Culpa Temporal; Culpa Subjetiva e Culpa Objetiva), são significativamente diferentes, quando segmentadas em grupos de Grande Área do Curso e em grupos de Cursos, gerados a partir das respostas das características da amostra, utilizou-se o teste não paramétrico de *Kruskal Wallis*. Na Tabela 5 apresentam-se os resultados do teste.

Tabela 5

Teste de Kruskal Wallis para Grande Área e Cursos

Grupos	Fator 1 - Culpa Temporal		Fator 2 - Culpa Subjetiva		Fator 3 – Culpa Objetiva	
	X ²	p-valor	X ²	p-valor	X ²	p-valor
Grande Área do Curso						
Ciências Sociais Aplicadas	4,607	0,708	3,278	0,858	6,975	0,432
Humanas						
Saúde						
Biológicas						
Linguística						
Exatas e da Terra						
Engenharias						
Outras áreas						
Cursos						
Cursos da Área de Negócios	0,19	0,890	0,728	0,394	0,22	0,882
Outros Cursos						

Fonte: Dados da Pesquisa.

Os resultados do teste *Kruskal Wallis* permitiram inferir que não há diferenças significativas entre o nível de concordância atribuído aos sentimentos de culpa e os estudantes, quando analisados pela Grande Área do Curso. Isso quer dizer os estudantes atribuem níveis de concordância semelhantes aos sentimentos de Culpa Temporal, Culpa Subjetiva e Culpa Objetiva. Aliado a isso, não foram encontradas diferenças significativas entre nível de concordância atribuído aos sentimentos de culpa e os estudantes, quando se observa isoladamente os Cursos da Área de Negócios e os demais cursos. Dessa forma, pode-se inferir

Ricardo Biernaski Kachenski, Rayane Camila da Silva Sousa, Pavel Elias Zepeda Toro, Flaviano Costa e Romualdo Douglas Colauto

que os estudantes dos cursos da área de Negócios e dos demais cursos atribuem níveis de concordância semelhantes aos sentimentos de Culpa Temporal, Culpa Subjetiva e Culpa Objetiva. Também foram analisados os fatores, a partir de características observáveis em termos de Instituição, Região, Nível do Curso, Fase do Curso, Intercâmbio, Idade, Religião, conforme apresentado na Tabela 6.

Tabela 6

Teste de Kruskal Wallis por Fatores e Grupos

Grupos	Fator 1 - Culpa Temporal		Fator 2 - Culpa Subjetiva		Fator 3 - Culpa Objetiva	
	X ²	p-valor	X ²	p-valor	X ²	p-valor
Instituição de Ensino						
Pública	1,423	0,491	0,509	0,775	4,241	0,120
Particular						
Outros						
Região da Instituição						
Centro-Oeste	15,308	0,004*	0,253	0,993	1,645	0,801
Nordeste						
Norte						
Sudeste						
Sul						
Nível do Curso						
Mestrado Acadêmico	2,286	0,687	2,286	0,683	3,502	0,478
Mestrado Profissional						
Doutorado Acadêmico						
Doutorado Profissional						
Pós-Doutorado						
Fase do Curso						
Cursando os créditos	9,791	0,020*	1,029	0,794	12,386	0,006*
Em fase de qualificação						
Em fase de pós-qualificação						
Próximo à defesa final						
Fez intercâmbio						
Sim	4,516	0,034*	0,541	0,462	0,004	0,947
Não						
Gênero						
Masculino	9,707	0,008*	3,186	0,203	4,320	0,115
Feminino						
Outros						
Idade						
Entre 20 e 30 anos	6,642	0,084	14,854	0,002*	3,653	0,301
Entre 31 e 40 anos						
Entre 41 e 50 anos						
Acima de 51 anos						

Ricardo Biernaski Kachenski, Rayane Camila da Silva Sousa, Pavel Elias Zepeda Toro, Flaviano Costa e Romualdo Douglas Colauto

Tem Religião

Sim	6,509	0,011*	2,318	0,128	2,112	0,146
Não						

Nota: * $p\text{-value} < 0,05$

Fonte: Dados da Pesquisa.

Os resultados do teste *Kruskal Wallis* evidenciaram diferenças significativas entre o nível de concordância atribuído ao sentimento Culpa Temporal (Fator I), e as variáveis: Região da Instituição, Fase da Pós-graduação, Intercâmbio, Gênero e Religião. No Fator II (Culpa Subjetiva), as diferenças entre o nível de concordância atribuído ao sentimento de culpa somente foram identificadas entre os grupos que compõem a variável Idade. Para o Fator III (Culpa Objetiva) identificaram-se diferenças entre o nível de concordância atribuído ao sentimento de culpa e as Fases do Curso. Para verificar quais grupos apresentaram diferenças foi realizada a comparação entre pares em cada variável que se mostrou significativa no teste de *Kruskal Wallis*. Assim, na Tabela 7 apresentam-se os grupos que apresentaram diferenças após a comparação entre pares.

Tabela 7

Comparação entre Pares

Fator 1 - Culpa Temporal	Mean Rank (MR)	Pares significantes	$p\text{-value}$ ajustado
Região da Instituição			
Nordeste	132,63	Nordeste - Sudeste	0,021
Sudeste	196,41		
Fase do Curso			
Em fase de qualificação	149,21	Em fase de qualificação - Próximo à defesa final	0,018
Próximo à defesa final	195,06		
Fez intercâmbio			
Sim	171,08	Fez intercâmbio - Não fez intercâmbio	0,034
Não	214,25		
Gênero			
Masculino	148,94	Masculino - Feminino	0,037
Feminino	178,51		
Tem Religião			
Sim	160,44	Tem Religião - Não tem Religião	0,011
Não	188,57		
Fator 3 - Culpa Objetiva	Mean Rank (MR)	Pares significantes	$p\text{-value}$ ajustado
Fase do Curso			
Cursando créditos	150,85	Cursando os créditos - Em fase de qualificação	0,017
Em fase de qualificação	191,19		
Em fase de pós-qualificação	197,83	Cursando os créditos - Em fase de pós-qualificação	0,045

Fonte: Dados da Pesquisa.

No Fator I (Culpa Temporal), a comparação entre pares apresentou diferenças significativas entre a região Nordeste (MR = 132,63) e a região Sudeste (MR = 196,41) que

compõem a variável “Região da Instituição”. Nota-se que o *Mean Rank* foi maior para na região Sudeste, isto quer dizer que os estudantes da região Sudeste apresentam maior nível de concordância quanto às vivências de sentimento de culpa Temporal quando comparados aos estudantes da região Nordeste. Aliado a isso, a comparação entre pares da variável “Fase do Curso” apresentou diferenças significativas entre os estudantes que estão em fase de qualificação (MR = 149,21) e os estudantes que estão próximo à defesa final (MR = 195,06). Esse resultado indica que os estudantes que estão próximos a defesa final atribuem maior nível de concordância quanto às vivências de sentimento de culpa Temporal quando comparados aos estudantes que estão em fase de qualificação. Da mesma forma, os estudantes que fizeram intercâmbio (MR = 171, 08) e os estudantes que não fizeram intercâmbio (MR = 214,25) apresentaram diferenças significativas, evidenciando que aqueles que não fizeram intercâmbio apresentam maior nível de concordância quanto às vivências de sentimento de culpa Temporal em detrimento daqueles que fizeram intercâmbio.

Ainda com relação ao Fator I, houve diferenças significativas entre os estudantes do gênero feminino (MR=178,51) e masculino (MR = 148,94). Assim, os estudantes do gênero feminino apresentam maior nível de concordância quanto às vivências de sentimento de culpa Temporal quando comparados aos estudantes do gênero masculino. Por fim, quanto aos sentimentos de culpa temporal, os estudantes que têm religião (MR = 160, 44) e os estudantes que não têm religião (MR = 188,57) também apresentaram diferenças significativas. Dessa forma, pode-se concluir que aqueles que não têm religião apresentam maior nível de concordância quanto às vivências de sentimento de culpa Temporal do que aqueles que têm religião.

Em relação ao Fator II (Culpa Subjetiva), somente a variável Idade apresentou diferença significativa no teste *Kruskal Wallis*. No entanto, ao proceder a comparação entre pares para os grupos da referida variável, verificou-se que não há diferenças significativas entre os grupos. Isso acontece devido a quantidade de comparações dentro do grupo que implica no ajuste de *p-value*. Para o Fator III (Culpa Objetiva), a comparação entre pares, evidenciou diferenças significativas entre os grupos que compõem a variável “Fase do Curso”. As diferenças podem ser observadas entre os estudantes que estão cursando os créditos (MR = 150,85), os que estão em fase de qualificação (MR= 191,19) e os que estão em fase de pós-qualificação (MR = 197,83). Esse resultado indica que os estudantes que estão em fase de qualificação apresentam maior nível de concordância quanto às vivências de sentimento de Objetiva quando comparados aos estudantes que estão cursado créditos. Da mesma forma, os estudantes que estão em fase de pós-qualificação também apresentam maior nível de concordância quanto às vivências de sentimento de Objetiva quando comparados aos estudantes que estão cursado créditos. Nesse sentido, verifica-se que o nível de concordância quanto aos sentimentos de culpa pode diferir conforme as características dos estudantes.

5 Considerações Finais

O sentimento de culpa pode aparecer tanto em situações em que o indivíduo infringe regras sociais, como também em situações em que ele se afasta das relações sociais, perdendo o sentimento de pertença e apreço de seu grupo (Aquino et al., 2010). O objetivo do presente estudo foi verificar o nível de concordância dos estudantes quanto aos sentimentos de culpa vivenciados na pós-graduação *stricto sensu*. Especificamente, buscou-se explorar o sentimento de culpa considerando aspectos sociodemográficos, grandes áreas do conhecimento e fases da pós-graduação.

O ambiente acadêmico é considerando cognitivamente exigente e propício para o desenvolvimento de sentimento de culpa, porque dos estudantes é exigido não só idealizar um evento futuro, mas também antecipar o desfecho desse evento, como por exemplo, administrar a angústia por resultados projetados pelos professores, orientadores, colegas de estudos. Além disso, há que se administrar os sentimentos de culpa relacionados às expectativas para projetos de pesquisas não alcançadas ou os fracassos nas avaliações de aprendizagem. Nesse sentido, alguns alunos têm a capacidade de imaginar o desfecho de certas situações e tomar medidas para evitá-la (Williams, 1998).

Os resultados, deste estudo, evidenciaram que a maioria dos respondentes concordam totalmente que vivenciam ou já vivenciaram sentimentos de culpa em relação a gestão do tempo. Sabendo que a pós-graduação *stricto sensu* tem uma alta demanda de estudos, pesquisas e atividades extras que ocupam boa parte do tempo dos estudantes, o aspecto temporal acaba sendo uma de suas principais preocupações, desencadeando o sentimento de culpa.

Em relação às características dos respondentes, os achados demonstraram que não há diferenças significativas entre o nível de concordância atribuído aos sentimentos de culpa e os estudantes, quando analisados pela Grande Área do Curso e pelos cursos da Área de Negócios em comparação ao demais. Dessa forma, nota-se que os estudantes atribuem níveis de concordância semelhantes aos sentimentos de Culpa Temporal, Culpa Subjetiva e Culpa Objetiva. Por outro lado, foram encontradas diferenças significativas entre o nível de concordância atribuído aos sentimentos de culpa e os estudantes, quando analisados pela região da Instituição, Fases da Pós-graduação, Intercâmbio, Gênero e Religião. Os estudantes região Sudeste, do gênero feminino, e que estão próximo à defesa final apresentaram maior nível de concordância quanto às vivências de sentimento de culpa temporal.

Os resultados alinham-se às afirmações que durante o período da pós-graduação, os discentes estão propensos a desenvolver níveis elevados de ansiedade, depressão, distúrbios de sono (Costa & Nebel, 2018) e que a transgressão moral (culpa) pode levar a consequências mal adaptativas (Alexander et al., 1999; Jones et al., 2000; Tilghman-Osborne et al., 2010). Com tais resultados, busca-se contribuir para identificação dos sentimentos de culpa vivenciados na pós-graduação *stricto sensu*. Especificamente, busca-se contribuir para que os cursos de Pós-graduação compreendam se os estudantes se sentem culpados por diversas situações corriqueiras na vida e no ambiente acadêmico. Como implicações, vislumbra-se o entendimento de que a gestão de tempo tem provocado, de forma mais intensa, nos pós-graduandos sentimentos de culpa, visto a realidade do ambiente acadêmico. Cabe aos estudantes como também aos cursos de Pós-graduação observar que esses sentimentos de culpa podem gerar impactos e despertar psicopatologias (Brito, 2013).

Em virtude de poucos estudos relacionados com a temática da culpa na pós-graduação *stricto-sensu*, além das poucas investigações nesta área, este estudo encontrou limitações para fazer inferências com outros resultados encontrados na literatura. Outra limitação é a escassez de instrumentos voltados para o ambiente acadêmico que permita aprofundar as análises. Sugere-se como estudos futuros a execução de pesquisas que procurem a ampliação do escopo de participantes, seja em termos quantitativos ou qualitativos, ampliando a compressão sobre os possíveis impactos dos sentimentos de culpa na vida do pós-graduando, como também no funcionamento da Pós-graduação.

Referências

- Abramson, P. R., Mosher, D. L., Abramson, L. M., & Wotchowski, B. (1977). Personality correlates of the Mosher guilt scales. *Journal of personality assessment*, 41(4), 375-382. DOI: https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4104_7
- Alexander, B., Brewin, C. R., Vearnals, S., Wolff, G., & Leff, J. (1999). An investigation of shame and guilt in a depressed sample. *British Journal of Medical Psychology*, 72(3), 323-338. DOI: <https://doi.org/10.1348/000711299160031>
- Aquino, T. A. A. D., Luna, A. E. A., Oliveira, A. L., Costa, D. B., Marinho, F. L., & Rocha, M. Z. L. S. S. (2010). Correlatos valorativos da culpa. *Religare*, 7(2), 136-46.
- Aquino, T. A. A., & Medeiros, B. (2009). Escala de culpabilidade: Construção e validação de construto. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 77-86.
- Baumeister, R. F., Stillwell, A. M., & Heatherton, T. F. (1994). Guilt: an interpersonal approach. *Psychological bulletin*, 115(2), 243-267. DOI: <https://doi.org/10.1037/0033-2909.115.2.243>
- Bybee, J., & Williams, C. (1994). Does guilt show adaptive relationships with socioemotional competency and academic achievement. In biennial conference on Human Development, Pittsburgh, PA.
- Brito, N. X. (2013). Culpa e seus desdobramentos no processo de ajuda. *Protestantismo em Revista*, 32(1), 57-85. DOI: <http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v32i0.1125>
- Castilla Del Pino, Carlos. (1991). *La Culpa*. Madrid, España: Alianza Editorial S.A.
- Cauduro, F. L. F., Prado, C., & Jesus, R. F. (2019). Problemas e angústias vivenciados por pós-graduandos de enfermagem: uma análise à luz da empatia. *Temas em Educação e Saúde*, 15(1), 3-17. DOI: <https://doi.org/10.26673/tes.v15i1.11938>
- Costa, E. G. D., & Nebel, L. (2018). O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. *Polis Revista Latinoamericana*, 17(50), 1-19.
- Collins, G.R. (2004). *Aconselhamento cristão*. São Paulo: Vida Nova.
- Elvin-Nowak, Y. (1999). The meaning of guilt: A phenomenological description of employed mothers' experiences of guilt. *Scandinavian journal of psychology*, 40(1), 73-83. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9450.00100>
- Estácio, L. S. S., Andrade, W. G. F., Kern, V. M., & de Almeida Cunha, C. J. C. (2019). O produtivismo acadêmico na vida dos discentes de pós-graduação. *Em Questão*, 25(1), 133-158. DOI: <https://doi.org/10.19132/1808-5245251.133-158>

- Faro, A. (2013). Estresse e estressores na pós-graduação: estudo com mestrandos e doutorandos no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(1), 51-60. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000100007>
- Fávero, L. P., & Belfiore, P. (2017). *Manual de Análise de Dados - Estatística e Modelagem Multivariada com Excel®, SPSS® e Stata®* (1. ed.). Rio de Janeiro: Elsevier.
- Ferreira, J. S., Oliveira, L. D. A., Godinho, R. L. P., Santos, P. S. S. R., Hanzelmann, R. S., & Passos, J. P. (2016). Alunos da pós-graduação em enfermagem e o nível de estresse. *Revista Pró-UniverSUS*, 7(3), 20-25.
- Flynn, F. J., & Schaumberg, R. L. (2012). When feeling bad leads to feeling good: Guilt-proneness and affective organizational commitment. *Journal of Applied Psychology*, 97(1), 124. DOI: <https://doi.org/10.1037/a0024166>
- Field, A. (2009). *Descobrendo a Estatística usando o SPSS* (2. Ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Ferguson, T. J., Stegge, H., & Damhuis, I. (1991). Children's Understanding of Guilt and Shame. *Child development*, 62(4), 827-839. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1991.tb01572.x>
- Freud, S. (1974). *O mal estar da civilização*. Obras completas (Vol. XXI, pp. 146-157). Rio de Janeiro: Imago Editore LTDA. (Original publicado em 1930).
- Guilhardi, H. J. (2002). *Análise comportamental do sentimento de culpa*. Teixeira, A. M. S., Assunção, M. R. B., Starling, R. R., & Castanheira, S. S (Orgs.) *Ciência do Comportamento: Conhecer e Avançar* (Vol. 1). Santo André, SP: ESETec Editores Associados.
- Grinberg, L. (1994). *Culpa y Depresión: estudio psicoanalítico*. Madrid: Alianza.
- Harder, D. W., & Greenwald, D. F. (1999). Further validation of the shame and guilt scales of the Harder Personal Feelings Questionnaire-2. *Psychological Reports*, 85(1), 271-281. DOI: <https://doi.org/10.2466/pr0.1999.85.1.271>
- Jones, W. H., Schratte, A. K., & Kugler, K. (2000). The guilt inventory. *Psychological reports*, 87(3), 1039-1042. DOI: <https://doi.org/10.2466/pr0.2000.87.3f.1039>
- Kochanska, G., Gross, J. N., Lin, M. H., & Nichols, K. E. (2002). Guilt in young children: Development, determinants, and relations with a broader system of standards. *Child development*, 73(2), 461-482. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00418>
- Lewis, H. B. (1971). Shame and guilt in neurosis. *Psychoanalytic review*, 58(3), 419-438.
- Lim, Y. M., Tam, C. L., & Lee, T. H. (2013). Perceived stress, coping strategy and general health: A study on accounting students in Malaysia. *Researchers World*, 4(1), 1-8.

Lopes, I. F., Meurer, A. M., & Colauto, R. D. (2020). Estratégias de Coping de discentes brasileiros de ciências contábeis. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)*, 14(2), 195-220. DOI: <http://dx.doi.org/10.17524/repec.v14i2.2488>

Lopes, I. F., Meurer, A. M., & Voese, S. B. (2018). Efeito das crenças de autoeficácia no comportamento cidadão e contraproducente dos acadêmicos de contabilidade. *Advances in Scientific & Applied Accounting*, 11(3), 517-531. DOI: <https://doi.org/10.14392/asaa.2018113517-531>

Medeiros, Bruno. (2010) *A Relação entre Religiosidade, Culpa e Avaliação de Qualidade de Vida no Contexto do HIV/AIDS* (Dissertação de Mestrado em Psicologia Social). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Meurer, A. M., Souza, A. N. M., & Costa, F. (2019). Fatores motivacionais e modificações na vida dos mestrados em contabilidade: os dois lados de uma mesma história. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 16(38), 105-128. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8069.2019v16n38p105>

Pereira, A. G., Aquino, T. A. A. (2016). A culpa e suas relações com a religiosidade e o sentido da vida. *Revista Logos & Existência*, 5(2), 204-219.

Santos, A. S. D., Perrone, C. M., & Dias, A. C. G. (2015). Adaptação à pós-graduação stricto sensu: uma revisão sistemática de literatura. *Psico-USF*, 20(1), 141-152. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712015200113>

Souza, R. S. D, Trigueiro, R. P. C., de Almeida, T. N. V., & de Oliveira, J. A. (2010). A pós-graduação e a síndrome de Burnout: estudo com alunos de mestrado em administração. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 4(3), 12-21. DOI: <https://doi.org/10.12712/rpca.v4i3.14>

Tangney, J. P. (1993). "Shame and Guilt". I. B. Weiner (Ed.), *Syntoms of Depression*. New York: A Wiley-Interscience Publication.

Tellenbach, H. (1976). *La melancolía: visión histórica del problema. Endogenidad. Tipología. Patogenia. Clínica*. Madrid: Ediciones Morata.

Tilghman-Osborne, C., Cole, D. A., & Felton, J. W. (2010). Definition and measurement of guilt: Implications for clinical research and practice. *Clinical Psychology Review*, 30(5), 536-546. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2010.03.007>

Tournier, P. (1985). *Culpa e Graça: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do evangelho*. São Paulo: ABU Editora.

Vázquez, C., & Sanz, J. (1995). *Trastornos del estado de ánimo (I)*. Belloch, A. (Ed), *Manual de Psicopatología*. Madrid, España: McGraw-Hill.

Ricardo Biernaski Kachenski, Rayane Camila da Silva Sousa, Pavel Elias Zepeda Toro, Flaviano Costa e Romualdo Douglas Colauto

Williams, C., & Bybee, J. (1994). What do children feel guilty about? Developmental and gender differences. *Developmental Psychology*, 30(5), 617-623. DOI: <https://doi.org/10.1037/0012-1649.30.5.617>

Williams, C. (1998). *Guilt in the classroom*. J. Bybee (Ed.), *Guilt and children* (pp. 233-243). San Diego, CA: Academic Press.

Wright, D. (1971). *The psychology of moral behavior*. New York: Penguin Books.

Zandomeneghi, D. C. (2003). *Culpa: un obstáculo para la salud: la influencia que ejerce la culpa inconsciente e imaginaria en el origen y agravación de una enfermedad* (Tese de Doutorado em Filosofia). Universidad Complutense de Madrid, Madrid.